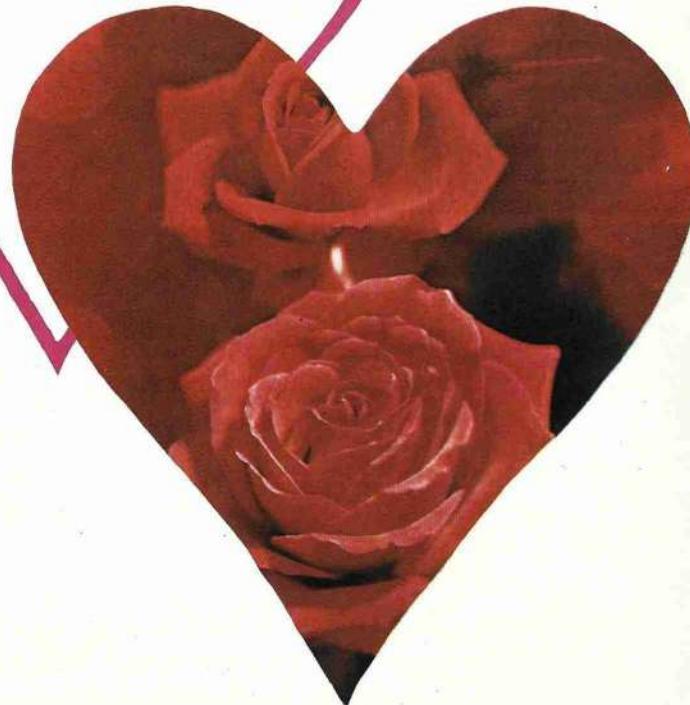


## 9 **O Poder da Prece**



O jovem milionário  
Adamastor Macário,  
Rapaz rude e violento,  
Derramando alegria,  
Sentia-se feliz em seu mais belo dia,  
Pois era o dia de seu casamento.

No palácio rural de sua habitação,  
Tudo era festa em ascensão.

Pela manhã, porém, ele recebe à porta  
Uma pobre viúva, a carregar nos braços,  
Um filhinho de meses,  
Portador de moléstia fulminante...  
Sentindo a morte a lhe rondar os passos,  
Dirige-se a Macário e pede suplicante:

— Socorre-nos, senhor,  
Salve meu filho! Pague-lhe um tratamento...  
E rematou com lágrimas na voz:  
— Por amor a Jesus, tenha pena de nós!...

Com surpresa geral, Adamastor  
Não se fez rude como de outras vezes,  
Fitou o pequenino,  
Compadecidamente,  
Depois recomendou a um antigo empregado:  
— Leve a criança ao médico ... Ação pronta.  
Em seguida,  
Busque a farmácia com presteza,  
Seja o gasto que for, qualquer despesa  
Corre por minha conta...

A viúva, andrajosa e enternecedida,  
Agradeceu-lhe a caridade,  
Qual se estivesse recebendo  
No filho em tenra idade  
Plena renovação da própria vida.

Adamastor, porém,  
Mesmo casado  
Continuou brutalizado  
E um modelo completo de avareza...  
Recolhia, ele próprio, as migalhas da mesa  
Que sobrassem de cada refeição  
Para fazer negócio, às escondidas...  
E ei-lo, dia por dia, a repetir fremente,  
Na mais estranha desesperação:  
— Dinheiro, sim... Beneficência, não...  
Nada me peçam que não dou vintém,  
Não dou nem mesmo um pão à fome de ninguém.

O tempo foi passando,  
Pedisse quem pedisse,  
A resposta era não... Toda aquela secura  
Parecia loucura  
Em vez de sovinice.  
Talvez decepcionada, alma triste e vazia,  
Com as atitudes do marido avaro,  
Breve, morreu a esposa em desamparo,  
Sem deixar-lhe um só filho à casa enorme e fria...

Mais tempo decorreu  
E Macário a lutar, sem qualquer companheiro,  
Só queria dinheiro e mais dinheiro...  
Até que, um dia, a morte veio arrebatá-lo.  
Adamastor, velhinho,  
Num lance do caminho,  
Caíra do cavalo,  
Fora pisoteado e, ante as perdas de sangue,  
Gritava, agonizante, entre as pedras de um mangue:  
— Eu não quero morrer, eu não quero morrer...  
Mas a morte, por si, não queria saber  
Se ele queria ou não  
E, assim, agiu na hora...  
  
Desencarnado agora,  
O antigo milionário,  
Sente-se louco, aflito e solitário,  
Sob o fardo das lágrimas que leva...  
Só pensava em dinheiro e via-se na treva...

*Quem procure por Deus  
aceite por dever  
trabalhar  
e servir,  
suportar e  
esquecer.*



Era um mendigo apenas  
Que somente trazia  
A lembrança vazia  
De moedas terrenas...  
Cego, desesperado, atônito, sozinho,  
Fez-se triste fantasma, errando no caminho...  
Até que, num momento inesperado,  
Logo após largo tempo em profunda cegueira,  
Sentiu algo a buscar-lhe os íntimos refolhos,  
Uma luz que lhe dava outra luz para os olhos...

Fitou, em derredor, e notou espantado  
Que uma pobre velhinha orava junto dele,  
Quase que, lado a lado;  
E ouviu-a murmurar, em voz segura e mansa,  
Como se lhe trouxesse a bênção da esperança:  
— Rogo, Deus de Bondade, ao teu imenso amor,  
Concede a paz do Céu a “seu” Adamastor,  
Ele foi para mim de uma bondade rara,  
Não te esqueças, Senhor,  
Que um dia ele salvou o filho que me ampara...  
Abençoa, meu Deus,  
Quem foi em nossa casa  
O grande benfeitor!...

O antigo milionário,  
Sob um clarão divino,  
Recordou a chorar o passado momento  
Em que ajudara a um pequenino,  
No dia justo de seu casamento...

Banhado em nova luz  
Ele gritou: - Por que? por que, Jesus?  
Não dei tudo o que eu tinha e tudo quanto quis,  
A fim de ser agora mais feliz?

Era tarde, porém... Precisava voltar...  
Renascer sobre a Terra,  
Aprendendo a servir, a compreender e amar...  
Nesse instante, contudo,  
Retratava na face,  
Embora atarantado, ansioso e mudo,  
O júbilo de quem se libertasse  
Das algemas de longo cativeiro,  
Pois percebia, enfim, que acima do dinheiro,  
Mostrava mais poder e muito mais valor  
A lembrança do bem numa prece de amor!...

*...Sai de ti mesmo e  
olha em torno:  
verás, por todos os  
lados, os irmãos  
infelizes  
rogando o  
amparo de  
alguém.*